

## PARA UMA NOVA EDIÇÃO CRÍTICA DE *DOM CASMURRO*

Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida\*

**Resumo:** Este texto tem o objetivo de propor uma edição diplomática cotejada e anotada da 2ª edição de *Dom Casmurro* (1900), última forma da obra dada por Machado de Assis, que faleceu em 1908. A finalidade é preparar material suficiente para uma nova edição crítica do romance.

**Palavras-chave:** Crítica textual; edição crítica; *Dom Casmurro*; Machado de Assis.

Passados mais de cinquenta anos da criação da Comissão Machado de Assis em 1958, instituída no quinquagésimo aniversário de morte de Machado com a “finalidade de elaborar [ou fixar criticamente] o texto definitivo das obras”<sup>1</sup> do autor, e passados mais de trinta anos da publicação da edição crítica de *Dom Casmurro* em 1977, que foi elaborada pela referida Comissão, proponho o início de uma tarefa para elaboração de uma nova edição crítica da história de Capitu e Bentinho. Essa tarefa começa pela edição diplomática cotejada e anotada da segunda edição de *Dom Casmurro*, de 1900, última em vida do autor e texto de base da edição crítica de 1977 (doravante, EC).

---

\* Universidade de São Paulo/ Academia Brasileira de Filologia/CNPq.

<sup>1</sup> ASSIS. *Dom Casmurro* [1977], p. 5.

Não apenas pelos anos passados, período em que outras muitas edições e traduções do romance foram publicadas tendo a EC como fonte, mas, principalmente, porque na própria EC há lacunas evidentes que podem ter sido originadas no processo de editoração e/ou mesmo de fixação e anotação.

Muitas variantes indicadas e emendadas na EC, por exemplo, são equívocos tipográficos das primeiras edições. Alguns deles, porém, permanecem na própria EC e, por consequência, em edições e traduções que tiveram a EC como texto de base. Um desses casos está no capítulo CXLVIII, o último. Nele há variantes que mereceriam discussão mais cuidada, no entanto é totalmente ignorada na EC. Trata-se das variantes *É bem* / *E bem*, no título do capítulo.

O projeto para essa nova edição crítica surgiu em 2007, quando, a convite da Editora Globo, em homenagem ao centenário da morte de Machado de Assis em 2008, fixei e anotei o texto do romance.<sup>2</sup> A princípio, a tarefa era simples porque se resumiria em fazer os necessários reparos no texto digitado (ou boneco) e, considerando a finalidade da edição, nele acrescentar apenas as também necessárias notas elucidativas referentes a topônimos, antropônimos, citações bibliográficas, etc.

Os textos que me serviriam para emendar os ruídos de quem digitou (não sei de que fonte), também passados pela editora, foram a EC, de 1977, e a edição de 1992, da Livraria Garnier, cujos estabelecimento de texto e notas tiveram como responsável Adriano da Gama Kury (doravante, EK).

Para ter onde recorrer em casos de dúvidas em relação às escolhas feitas na EC e na EK, busquei quatro dos cinco testemunhos cotejados pela Comissão Machado de Assis,<sup>3</sup> com atenção especial

---

<sup>2</sup> Essa edição da Globo tem o prefácio de John Gledson.

<sup>3</sup> Os cinco testemunhos utilizados pela Comissão para compor a EC foram:  $\alpha$  = *um agregado* (Capítulo de um livro inédito), de 1896; A = primeira edição, de 1899; B = segunda edição, de 1900; E = quinta edição, de 1924; e N = edição de W. M. Jackson Inc. Editores, de 1957.

para a segunda edição (de 1900), por se tratar, como já disse, da última edição em vida do autor e, por esse motivo, também ter sido o texto de base da EC. O quadro dos testemunhos de que me utilizei ficou, então, com cinco edições (E1: primeira edição, de 1899; E2: segunda edição, de 1900; E5: quinta edição, de 1924; EC: edição crítica, de 1977; e EK: edição de Kury, de 1992), mais o subarquétipo ( $\alpha$ ): *Um agregado* – Capítulo de um livro inédito, de 1896.<sup>4</sup>

Logo no primeiro parágrafo do primeiro capítulo já havia uma variante entre os testemunhos: *Cumprimentou-me*, na EK, e *Comprimentou-me*, na EC e também nas E1, E2 e E5. Trata-se de variantes de natureza ortográfica, apenas.

Apenas? Caso não fosse algum tropeço tipográfico, estava diante de algo que precisaria ter respaldo nas normas de edição empregadas na EC. Principalmente porque – embora fosse da norma do fim do século XIX e início do XX o emprego de *o* em vez de *u* no verbo em questão, coerente, dessa forma, com a época das primeiras edições – pela norma vigente na época em que a EC foi publicada deveria estar grafado com *u*. Isso porque em edições críticas, desde que não gerem alterações de sentido, ou de estilo, ou ainda de métrica e de rima em caso de poesia, os aspectos gráficos (ortografia, diacríticos e até pontuação) podem e devem ser atualizados.

O respaldo para a grafia de *comprimentou-me* na EC, repetindo o texto de base (E2), tem lugar na introdução (p. 53): “4.2.8.2 Deverão, entretanto, ser objeto de respeito: (...); c) emprego do *o/u* pretônicos” e também em “d) emprego de *om(on)/um(un)*”. Considerando os demais empregos que foram “objeto de respeito” (*e/i* pretônicos, *e/ei*, *o/ou*, etc.), pode-se inferir que o argumento

---

<sup>4</sup> A noção de subarquétipo ( $\alpha$ ), para esse testemunho, é tirada da própria EC (p. 39), que assim o representa. Como não se trata de testemunho perdido – tanto que se encontra nas referências bibliográficas, além de estar reproduzido no apêndice da EC (p. 263-267) – poderia ser classificado como um protoarquétipo, sem  $\alpha$ . No presente texto, porém, foi mantida a representação dada pela Comissão apenas para evitar equívocos em relação à classificação dos testemunhos utilizados na EC.

para tal decisão tem a ver com possíveis aspectos fonéticos que a Comissão achou por bem manter na EC.

Cabem aí, porém, muitas interrogações. Uma delas seria: em *Dom Casmurro*, Machado teve a preocupação de evidenciar traços fonéticos do dialeto e/ou idioleto dos personagens? Seguramente não! Ainda que a resposta fosse *sim*, pode-se emendar outra interrogação: não seria mais coerente manter as vogais médias pretônicas alçadas (*u* no lugar de *o*, e *i* no lugar de *e*), como supostamente seria do dialeto dos personagens, o carioca?

Mesmo considerando aceitável a hipótese de que na variedade carioca do século XIX houvesse variação na realização dessas vogais, seja para o alçamento (*o* > *u*, *e* > *i*), seja para o abaixamento (*u* > *o*, *i* > *e*), a decisão da Comissão parece ter sido tomada e registrada na introdução da EC de *Dom Casmurro* apenas para seguir alguma norma geral de edição, cânone. Por quê? Porque essa variação não se aplica à obra em questão. Nas primeiras edições do romance não há a variação nos registros das vogais pretônicas (ora *o*, ora *u*) que a norma parece sugerir. Nas seis ocorrências do verbo *comprimentar*, está grafado assim, com *o*. O mesmo pode ser dito em relação aos outros pares (*e/i* pretônicos, *e/ei*, *o/ou*, etc.).

Aliás, as palavras listadas como exemplos dessas variações não estão em *Dom Casmurro*. Se uma ou outra aparece, não há o registro da sugerida variação elencada nas normas da p. 53 da EC. Essa constatação reforça a hipótese de a Comissão ter transcrito uma norma possivelmente cânone, padrão, que, via de regra, não se aplicaria na EC da obra.

Essa primeira variante abriu caminho para outras existentes não apenas entre a EC e a EK, mas também, e principalmente, entre a EC e seu texto de base, a E2. Para exemplificar, volto às variantes *É bem / E bem*, no título do último capítulo, que nem foi mencionada na introdução e, menos ainda, no aparato crítico. Essa mesma variação ocorre também no corpo do capítulo, no último parágrafo do romance. Na EC, no entanto, há indicação dela apenas na introdução (p. 47), quando são listadas as emendas “sem-razão”

feitas na edição de W. M. Jackson Inc., de 1957 (doravante: EJ). Denomina-se *sem-razão* porque nas E1, E2 e E5 encontra-se *É bem, qualquer que seja a solução*, e na EJ *E bem, qualquer que seja a solução*, distoando, assim, de textos mais genuínos. Principalmente da lição da E2.

Há também ocorrências de contradições quanto a emendas de natureza gramatical, como os casos de não concordância do verbo com o sujeito encontrados no texto de base. Ora emenda-se com a correção, como no parágrafo 653 (p. 151): *a algumas adivinhei que **traziam** as meias esticadas e as ligas justas...* (negrito nosso), corrigindo a forma *trazia*, no singular, que está na E2 e, também, nas E1 e E5; ora não se emenda, mantendo-se a lição do texto sem a concordância entre sujeito e verbo, como no parágrafo 1110 (p. 214): *pedindo mentalmente ao céu que no-las **matassem**...* (negrito nosso), quando caberia *matasse*, no singular, considerando que o sujeito desse predicado verbal é *céu*. Essa não concordância foi mantida conscientemente pela Comissão sob argumento de “não se destruir um elemento talvez precioso ao estudo de uma concordância mentalmente influenciada pelas formas pluralizadas do contexto” (p. 47).

Por esse argumento, fica evidente que a Comissão não levantou, como poderia ter levantado, a possibilidade de se ler aí um sujeito indeterminado. Essa hipótese não tem lugar nas considerações dos editores da EC. Se tivesse, serviria para desfazer a dúvida quanto à aplicação dos critérios de emendas nos casos de concordância verbal.

Como a hipótese não foi aventada, esse argumento, aliás, serve mesmo é para cristalizar a contradição. Outros argumentos próximos ao usado em favor da manutenção de *matassem*, por exemplo, serviriam para a também não correção da concordância no parágrafo 640 (p. 149): *e a mão, acostumada a ajudá-los, **fazia** o seu ofício* (negrito nosso). Nas E1, E2 e E5 a forma verbal está no plural: *faziam*. Trata-se do(s) mesmo(s) “elemento[s] talvez precioso[s]” ao estudo de uma concordância mentalmente

influenciada pelas formas pluralizadas do contexto”, assim como ao estudo da concordância nos casos de o sujeito está distante do seu predicado verbal, como também ocorre no parágrafo 653, mencionado acima. Tanto lá (*algumas...trazia*), quanto cá (*a mão...faziam*), a não proximidade do sujeito com o verbo pode ter influenciado na falta de concordância registrada nas E1, E2 e E5. Mas, nas duas ocasiões, a EC faz a emenda de acordo com a lógica gramatical no que se refere à concordância entre sujeito e predicado verbal: no primeiro caso, com o verbo no plural (*algumas...traziam*), e no segundo, com o verbo no singular (*a mão...fazia*).

A propósito, as variantes de concordância verbal citadas acima – com ou sem emenda – não têm lugar no aparato, lugar onde, na EC, deveria constar os testemunhos e variantes que divergem da(s) variante(s) estabelecida(s) no texto crítico. Há menção delas apenas na introdução. A partir dessa constatação, poder-se-ia até levantar a hipótese de que toda variante discutida na introdução seja omitida no aparato. Hipótese errada! Há muitas outras variantes nos dois lugares. Inclusive as que se referem a formas verbais, como as que envolvem *servir*, no parágrafo 36, que são tratadas na introdução (p. 44) e, em parte, também no aparato (p. 72).

Considero que aspectos como esses, dentre outros não apontados aqui – alguns mais superficiais, como os erros tipográficos, e outros mais profundos, como o caso das variantes *É bem / E bem*, no título e corpo do capítulo – já são suficientes para endossar a necessidade de uma nova edição crítica do romance. Que, pronta, não terá a intenção de substituir a EC, mas servir de instrumento a mais à ampliação dos estudos na área da crítica textual e, também, literária, que tenham *Dom Casmurro* como objeto de investigação.

Para tanto, proponho que um dos primeiros passos nessa direção, além de todas as etapas próprias, e da práxis, de uma edição crítica (recensão, colação, eliminação, estemática, emenda com aparato, etc.), seja a publicação de uma edição diplomática cotejada

e anotada do texto de base, a E2, antes de qualquer tipo de emenda. Quer dizer: edita-se e publica-se a E2, mantendo sua lição integral, mas antecipando, em notas, as variantes existentes de toda natureza identificadas no cotejo dos testemunhos anteriores e posteriores, em pares, até a EC, inclusive. A intenção, dessa maneira, é percorrer o caminho de lá para cá, fazendo brotar cada uma das variantes, apontando, descrevendo e investigando cada uma delas: desde as de natureza tipográfica, passando pelas de natureza gráfica (ortografia, diacríticos, incluindo a pontuação) e gramatical (sintaxe, morfologia, incluindo a fonética-fonologia), até as de natureza semântico-lexical e estilística.

Dando cabo a essa tarefa, creio que se terá material suficiente para a composição de uma nova edição crítica, seguindo-se, para tal fim, todos os princípios da crítica textual (Auerbach; Azevedo Filho; Blecua; Cambraia; Candido; Castro; Duarte; Megale; Santiago-Almeida; Spaggiari e Perugi; Spina; *inter alia*).<sup>5</sup>

Seguem abaixo alguns excertos da E2 reproduzidos diplomaticamente, que contêm variantes de diversa natureza encontradas no cotejo dos seguintes testemunhos de *Dom Casmurro*: subarquétipo ( $\alpha$ ): *Um agregado* – Capítulo de um livro inédito, de 1896;<sup>6</sup> E1: primeira edição, de 1899; E5: quinta edição, de 1924; EJ: edição W. M. Jackson Inc., de 1957; e EC: edição crítica, de 1977.

A intenção aqui é demonstrar, em linha gerais, como deverá ser composta a edição diplomática de E2. Para isso, destaco (em negrito) apenas uma variante em cada um dos trechos transcritos,

---

<sup>5</sup> AUERBACH. *Introdução aos estudos literários*; AZEVEDO FILHO. *Iniciação em crítica textual*; BLECUA. *Manual de crítica textual*; CAMBRAIA. *Introdução à crítica textual*; CANDIDO. *Noções de análise histórico-literária*; CASTRO. *Editar Pessoa*; DUARTE. *A fábrica dos textos*; MEGALE. *A demanda do Santo Graal*; SANTIAGO-ALMEIDA. *Os manuscritos e impressos antigos: a via filológica*; SPAGGIARI, PERUGI. *Fundamentos da crítica textual*; SPINA. *Introdução à edótica*.

<sup>6</sup> São trechos dos capítulos III, IV e V. Por esse motivo, o testemunho só deverá ser mencionado no aparato quando se tratar de variantes presentes nos referidos trechos desses três capítulos.

aplicando, para tanto, os critérios do aparato negativo, em que apenas as variantes e testemunhos divergentes são anotados.<sup>7</sup>

Neste texto, porém, algumas variantes estão acompanhadas de comentários. Isso acontece quando, no estabelecimento do texto crítico, incluindo o aparato, na EC, tiver tratamento díspar em relação ao que está na sua introdução, ou nos casos em que há contradição ou flutuação dos critérios adotados, seja nas emendas, seja na composição do aparato. Algumas variantes originadas de equívocos tipográficos mais óbvios não serão comentadas.

(Cap. IV) – “Um dever amaríssimo!”

“José Dias amava os superlativos. Era um modo de dar feição monumental às ideias; não as havendo, **servir** a **prolongar** as frases.”

α: *serviam*; *esticar*

EJ: *servia*

Aqui, a EC destaca no aparato apenas a variante *servia* da EJ, omitindo *serviam* e *esticar*, que se encontram no subarquétipo (α). Perde também a oportunidade de, quando trata das variantes *servir*, *servia* e *serviam* na introdução (p. 44), discutir sobre a concordância verbal evidenciada em *serviam* no testemunho α, em que o sujeito gramatical levado em conta é *os superlativos*. Considero que, no mínimo, cabe uma interrogação e/ou exclamação quando se tenta descobrir o sujeito gramatical de *servir*, que é a forma eleita na EC, repetindo E1, E2 e E5, ou desvendar o de *servia* na EJ?! Assim fosse, essas variantes teriam recebido mais atenção e estudo, prestando-se não apenas para compor a lista das emendas “sem-razão” na EJ levantadas na introdução da EC (p. 47). Por exemplo, poder-se-ia levantar a hipótese de se ter aí a coordenação de uma oração reduzida de infinito, possibilitando a seguinte construção: “Era um modo de

---

<sup>7</sup> Entenda-se aqui variantes e testemunhos divergentes em relação ao texto estabelecido, diplomaticamente, da E2.



dar feição monumental ás ideias; não as havendo, [era um modo de] **servir** a prolongar as phrases.”. Mas a Comissão não se utiliza desse argumento para manter a lição das primeiras edições.

(Cap. V) – “O aggregado.”

“Outrosim, ria largo, se era preciso, de um grande riso sem vontade, mas communicativo, a tal ponto as bochechas, os dentes, os olhos, toda a cara, **todo** a pessoa, todo o mundo pareciam rir nelle.”

EJ e EC: *toda*

(Cap. VIII) – “E tempo.”

E1: *tempo!*

EJ e EC: *É*

No índice das E1, E2 e E5: *É tempo!*

Aqui aloja-se mais um ruído na EC. Na introdução (p.43), encontra-se a informação de que no índice das E1 e E2 há acento agudo sem e o sinal de exclamação (*É tempo.*), além de ignorar que a E5 repete a lição das duas primeiras edições.

(Cap. XV) – “Outra voz repentina.”

“Estou com vontade de dar um capote ao doutor, mas não tenho podido, ando com trabalhos da repartição, em casa; escrevo **todos os** noites que é um desespero; negocio de relatorio.”

EJ e EC: *todas as*

(Cap. XVIII) – “Um plano.”

“Este mal ou este perigo começa na mocidade, cresce na **madurera** e attinge o maior gráo na velhice.”

EJ e EC: *madureza*

(Cap. XXVI) – “As leis são bellas.”

“Levantou a perna e fez uma pirueta. Uma das suas ambições era tornar á Europa, falava della **muitos** vezes, sem acabar de tentar minha mãe nem tio Cosme, por mais que louvasse os ares e as bellezas...”

EJ e EC: *muitas*

(Cap. XXVIII) – “Na rua.”

“José Dias ia tão contente que trocou o homem dos momentos graves, como era **na** rua, pelo homem dobradiço e inquieto.”

E1, EJ e EC: *á/à*

(Cap. XXXVI) – “Ideia sem pernas e ideia sem braços.”

“É isto, vamos, é isto... **deia** só! ideia sem pernas!”

E1, EJ e EC: *Ideia*

(Cap. XL) – “Uma egua.”

“Ficando só, reflecti algum tempo, e tive uma **fautasia**.”

E1, EJ e EC: *fantasia*

Aqui há outro equívoco no aparato da EC. A indicação é de que nas E2 e E5 há ausência da conjunção *e* e não de erro tipográfico em *fantasia*, que está grafado com *u* no lugar de *n*.

(Cap. XLI) – “A audiencia secreta.”

“Creio que os olhos que lhe deitei foram tão queixosos, que ella emendou logo a palavra; manha, **não** não podia ser manha, sabia muito bem que eu era amigo della, e não seria capaz de fingir um sentimento que não tivesse.”

E1: *no*,

EJ e EC: *não*,

(Cap. XLIII) – “Você tem medo?”

“**Todos** essas bellas instituições sociaes me envolviam no seu mysterio, sem que os olhos de ressaca de Capitú deixassem de crescer para mim, a tal ponto que as fizeram esquecer de todo.”

EJ e EC: *Todas*

Mais adiante, no fim deste mesmo parágrafo, há outro equívoco no aparato da EC. Indica-se que nas E2 e E5 existe a variante *casa* no lugar de *cara*, mas em verdade não há. Nas duas referidas edições também se lê: *Capitú (...) bateu-me na cara sorrindo, e disse: (...)*!

(Cap. LVI) – “Um seminarista.”

“ (...) creio que era quando os olhos me caíam na palavra do fim da página, e a mão, acostumada a ajudal-os, **faziam** o seu officio...”

EJ e EC: *fazia*

Aqui, a EC, como já disse antes, não informa no aparato que há divergência nas lições das E1, E2 e E5, que trazem o verbo no plural.

(Cap. LVIII) – “O tratado.”

“Dalli em diante, até o seminario, não vi mulher na rua, a quem não desejasse uma quéda; a algumas adivinhei que **trazia** as meias esticadas e as ligas justas...”

EJ e EC: *traziam*

Também aqui, a EC não traz no aparato a forma divergente do verbo no singular das E1, E2 e E5.

(Cap. LXVI) – “Intimidade.”

“A vida é cheia de obrigações que a gente cumpre, por mais vontade que tenha de **os** infringir deslavadamente.”

EJ e EC: *as*

Aqui também não há no aparato da EC a forma divergente *os* das E1, E2 e E5.

(Cap. CVIII) – “Um filho.”

“Os paes, como os outros paes, contavam as travessuras e agudezas da menina, e nós, quando voltavamos á noite para a Gloria, vinhamos suspirando as nossas invejas, e pedindo mentalmente ao ceu que nol-as **matassem**...”

EJ: *matasse*.

Sob o argumento de “não se destruir um elemento talvez precioso ao estudo de uma concordância mentalmente influenciada pelas formas pluralizadas do contexto” (p. 47), como já havia dito, a forma *matassem* foi mantida conscientemente pela Comissão. No que se refere ao aparato, aqui também não há indicação da

divergência na lição da EJ, que preferiu fazer a emenda com o verbo no singular.

(Cap. CXXIII) – “Olhos de ressaca.”

“Muitos **homem** choravam também, as mulheres todas.”

EJ e EC: *homens*

(Cap. CXLII) – “Uma santa.”

“– Quem **lhe** importará com datas, filiação, nem nomes, depois que eu acabar?”

EJ e EC: *se*

(Cap. CXLVIII) – “E bem, e o resto?”

No índice das E1, E2 e E5: *É*

No sumário das EJ e EC: *E*

(*Idem*)

“É bem, qualquer que seja a solução, uma coisa fica, e é a summa das summas, ou o resto dos restos, a saber, que a minha primeira amiga e o meu maior amigo, tão extremosos ambos e tão queridos também, quiz o destino que acabassem juntando-se e enganando-me.... A terra lhes seja leve!”

EJ e EC: *E*

Há aqui um outro tropeço de fixação na EC. Como disse antes, trata-se de uma variante que, na introdução da EC (p. 47), está entre as emendas “sem-razão” feitas na EJ, pelo fato de que nas E1, E2 e E5 encontra-se a forma acentuada (*É bem, qualquer que seja a solução*). No entanto, a EC incorre no mesmo equívoco, estabelecendo, como a EJ: *E bem, qualquer que seja a solução*.

Aqui encerro este texto, consciente (para não dizer conformado) de que quem lida com estabelecimento de texto, seja de outros, e até de si mesmo, tem labutado, de maneira inglória, para não ferir a tal genuinidade do texto que se mete a fixar. Essa é a meta (quase, se não, impossível) de todo editor crítico. Não há como evitar os tropeços, as gralhas, os ruídos, os equívocos! E nem adianta buscar inspiração em Bentinho, que apelou aos próprios

vermes dos livros, para que eles lhe dissessem “o que havia nos textos roídos por elles” (Capítulo XVII). Seguramente, outro “longo verme gordo” dará, a quem perguntar, a mesma resposta recebida por ele (Bentinho): “– Meu senhor, (...), nós não sabemos absolutamente nada dos textos que roemos, nem escolhemos o que roemos, nem amamos ou detestamos o que roemos; nós roemos.”

Então, vida longa para a crítica textual!

**Résumé:** Ce texte a pour objectif de proposer l'édition diplomatique confronté et annotée de la seconde édition de *Dom Casmurro* (1900), la dernière version de l'œuvre écrite par Machado de Assis, décédé en 1908. Le but est de préparer le matériel suffisant pour une nouvelle édition critique du roman.

**Mots-clé:** Critique textuelle; édition critique; *Dom Casmurro*; Machado de Assis.

## Referências

ASSIS, Machado de. Um agregado. (Capítulo de um livro inédito). *Republica*. Rio de Janeiro, 15-XI-1896, p.1.

\_\_\_\_\_. *Dom Casmurro*. 1. ed. Paris/Rio de Janeiro: H. Garnier, Livreiro-Editor, 1899.

\_\_\_\_\_. *Dom Casmurro*. 2. ed. Paris/Rio de Janeiro: H. Garnier, Livreiro-Editor, 1900.

\_\_\_\_\_. *Dom Casmurro*. 5. ed.. Paris/Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1924.

\_\_\_\_\_. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro/Paris: W. M. Jackson/Livraria Garnier, 1957.

\_\_\_\_\_. *Dom Casmurro*. Edição crítica. Rio de Janeiro/Brasília: Civilização Brasileira, Instituto Nacional do Livro, 1977.

\_\_\_\_\_. *Dom Casmurro*. Estabelecimento do texto e notas de A. da G. Kury. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1992.

\_\_\_\_\_. *Dom Casmurro*. Fixação de texto e notas de M. M. Santiago-

Almeida. São Paulo: Globo, 2008.

AUERBACH, Erich. *Introdução aos estudos literários*. São Paulo: Cultrix, 1972.

AZEVEDO FILHO, Leodegário Amarante de. *Iniciação em crítica textual*. Rio de Janeiro/ São Paulo: Presença/ Edusp, 1987.

BLECUA, Alberto. *Manual de crítica textual*. Madrid: Castalia, 1983 [1990].

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CANDIDO, Antonio. *Noções de análise histórico-literária*. São Paulo: Humanitas, 2005.

CASTRO, Ivo. *Editar Pessoa*. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1990.

DUARTE, Luiz Fagundes. *A fábrica dos textos: ensaios de crítica textual acerca de Eça de Queiroz*. Lisboa: Cosmos, 1993.

HOUAISS, Antonio. *Elementos de bibliologia*. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1967.

MEGALE, Heitor. *A demanda do Santo Graal: das origens ao códice português*. Cotia: Ateliê, Fapesp, 2001.

SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. Os manuscritos e impressos antigos: a via filológica. In: GIL, V. C. *et al. Modelos de análise linguística*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 223-234.

SPAGGIARI, Barbara; PERUGI, Maurizio. *Fundamentos da crítica textual*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

SPINA, Segismundo. *Introdução à edótica: crítica textual*. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1977.

Recebido para publicação em 14 de outubro de 2010

Aprovado em 21 de dezembro de 2010